

2346805

A IDEIA ORIGINAL DESTA OBRA, SUGERIDA PELO GEÓLOGO ALVARO RODRIGUES DOS SANTOS, FOI A DE RESGATAR A GRANDE OBRA ACADÊMICA DO PROFESSOR JOSÉ MOACYR VIANNA COUTINHO. ENTRETANTO, DURANTE AS CONVERSAS ENTRE OS COLABORADORES, FOI TOMANDO CORPO O CONCEITO DE UM LIVRO-HOMENAGEM, QUE PERMEASSE ENTRE OS REGISTROS DE SUA VIDA ACADÊMICA E OS RELATOS DE SUA VIDA PESSOAL SOB A ÓPTICA DE SEUS MAIS VARIADOS ADMIRADORES. CONTEMPORÂNEOS DE UNIVERSIDADE E DISCÍPULOS DO "PROFESSOR COUTINHO", ESPOSA E FILHOS DO "ZÉ MOACYR" E NETOS DO "VOVÓ MINHE".

ASSIM, ESTE LIVRO APRESENTA A FIGURA DE JOSÉ MOACYR VIANNA COUTINHO, O MAIOR PETROGRAFO BRASILEIRO, COMO PESQUISADOR AVIADO POR RESPOSTAS ÀS MAIS VARIADAS DÚVIDAS NO CAMPO MINERALÓGICO E PETROLÓGICO, COMO PROFESSOR RESPONSÁVEL E PACIENTE, SEMPRE DISPONÍVEL PARA TRANSMITIR SEUS CONHECIMENTOS E DESENVOLVER ENGENDROS QUE FACILITASSEM O ENSINO DA MINERALOGIA ÓPTICA, E COMO ORIENTADOR DE INÚMERAS PESQUISAS ACADÊMICAS. NA MAIORIA DAS VEZES DE MANEIRA INFORMAL, SOMAM-SE AINDA CENTENAS DE TRABALHOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE CUNHO NACIONAL E INTERNACIONAL, ALÉM DOS VÁRIOS CAUSOS E REGISTRO FOTOGRÁFICO DE MOMENTOS VIVIDOS COM O PESQUISADOR, PROFESSOR, ORIENTADOR, AMIGO, ESPOSO, PAI, AVÔ E BISAVÔ. A ELABORAÇÃO DESTA OBRA CONTOU COM O REGISTRO PRECISO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO PROFESSOR COUTINHO, PORÉM, FALHAS PODERÃO SER IDENTIFICADAS PRINCIPALMENTE NOS RELATOS DE VIVÊNCIAS QUE SE BASEIAM EM UMA MEMÓRIA FRAGMENTADA QUE TEIMA EM SE APAGAR. NO ENTANTO, PRETENDE-SE CONFIGURAR UM RETRATO, AINDA QUE PALÍDIO DA SINGULARIDADE DESTA GEOCIENTISTA, QUE SIRVA DE EXEMPLO PARA AS NOVAS GERAÇÕES.

DEDALUS - Acervo - IGC



30900031059

José Moacyr Vianna Coutinho

Geologia e Causos

Girardi, J.



ORGANIZADORES

ELENO DE PAULA RODRIGUES
JORGE KAZUO YAMAMOTO
ANA MARIA GÓES
MARIA CRISTINA DE MORAES

Instituto de Geociências - USP
São Paulo, Brasil
2012



com uma enorme capacidade de adaptação e espírito prático. Porém, mais que a experiência profissional *sui generis*, foi a oportunidade de conhecê-lo melhor, longe do ambiente universitário, e repartir alguns momentos de descontração que corriam invariavelmente por conta das “peladas” ao lado dos operários da mina, nos finais das tardes, num campo arenoso e irregular.

Pelo fato de gostarmos de futebol, não obstante as divergências clúbicas, o nosso relacionamento foi muito intenso na área esportiva, a ponto de, em algumas manhãs de domingo, nos reunirmos (a chamada “máfia”) para jogar num terreno baldio à época, defronte à sua casa no Alto de Pinheiros. Por vezes, com a compreensão e tolerância de sua esposa Lila, as partidas eram encerradas com um pequeno churrasco. Bons tempos aqueles, sem grandes exigências e cobranças, quando a preocupação básica era a de congregar socialmente e compartilhar alguns momentos alegres.

Nos dias de hoje, ainda o vejo circulando pelos corredores da Universidade, onde continua a exercer suas atividades de ensino e de pesquisa. O tempo passa, mas ele permanece imperturbado, alegre e sorridente, e sempre disposto a colaborar com todos e a todo instante, bastando ser solicitado.

(A referência bibliográfica encontra-se na sétima parte do livro.)

Minha Convivência com o Mestre Coutinho

PROF. VICENTE ANTONIO VITORIO GIRARDI

Boa memória não é uma de minhas características. Porém, certos fatos permanecem mesmo depois de decorridos muitos anos. Um deles diz respeito ao meu primeiro contato com o Professor Coutinho, que ocorreu durante a segunda fase do exame vestibular ao Curso de Geologia da USP. Avisado pelo meu colega de curso científico, Umberto Cordani, que restavam algumas vagas para o preenchimento da primeira turma, lá fui eu enfrentar os exames, e numa das provas orais, deparei-me com o Professor Coutinho que resolveu questionar-me sobre botânica, e me perguntou o que eu sabia sobre as pteridófitas, assunto sobre o qual, por sorte, estava bem informado. Creio que foi a minha melhor nota no vestibular.

Voltei a encontrá-lo um ano depois, já cursando o segundo ano, durante as aulas de Petrografia, matéria que logo de início, despertou-me grande interesse. As aulas teóricas eram ministradas pelo Prof. Rui Ribeiro Franco, catedrático, do qual guardo as melhores recordações; e as práticas pelo seu assistente, o Professor José Moacyr Vianna Coutinho. Face às restrições impostas, na época, pela instrumentação óptica, as aulas práticas eram principalmente voltadas para o estudo macroscópico das rochas, o que despertava, nos alunos mais interessados na matéria, natural curiosidade para conhecer pormenores sobre mineralogia, textura e estrutura das rochas, aspectos que só poderiam ser elucidados através de estudos microscópicos. Em face disso, já no terceiro ano, tive a oportunidade de iniciar um contato mais próximo com os docentes da disciplina, através de estágios realizados em períodos de férias.

Durante esses estágios, realizados no Departamento de Mineralogia

e Petrografia, comecei a conhecer um pouco melhor as características pessoais do Professor Coutinho. Normalmente bem-humorado, solícito e disposto a ajudar a todos que o procuravam para elucidar questões relativas a minerais, gemas ou rochas, era, fora do Departamento, um companheiro sempre pronto a participar de partidas de futebol, nas quais mostrava habilidade, sentindo-se inteiramente à vontade em meio ao grupo de alunos, e participando das brincadeiras e gozações, que inevitavelmente ocorriam.

Decidido a tornar-me petrógrafo, fui, recém-formado, contratado para exercer essa função no Instituto Agrônomo de Campinas - IAC, juntamente com os colegas Adolpho José Melfi e Igor Bittencourt, encarregados de outras especialidades. Reconhecendo a necessidade de um melhor aprimoramento para o exercício das respectivas funções, o Diretor do IAC permitiu que efetuássemos, durante parte do primeiro ano de trabalho, estágios nos Departamentos de Mineralogia e Petrografia e de Geologia e Paleontologia, principais responsáveis pela nossa formação, onde tivemos também a oportunidade de cursar algumas disciplinas novas.

Na época, no ano de 1961 e subsequentes, até a mudança para a Cidade Universitária, o Departamento de Mineralogia e Petrografia ocupava, no casarão da Alameda Glete, um dos conjuntos, e na parte térrea se acomodavam os docentes, o Museu de Mineralogia, a biblioteca, e os laboratórios. O Professor Coutinho ocupava duas salas, no segundo andar do prédio, que era dotado de um pequeno elevador. Eu me instalei numa delas, onde permaneci posteriormente, quando já docente do Departamento. Essa proximidade propiciou-me larga convivência, e a oportunidade de aproveitar da sua vasta experiência e conhecimento petrográfico. A finalidade principal das pesquisas no Instituto Agrônomo era o estudo mineralógico dos solos do Estado de São Paulo, e para isso, além da difratometria, a técnica principal a ser empregada era o reconhecimento microscópico em lâminas, nas quais os minerais eram, ou fixados em resina especial, ou imersos em diversos líquidos, com índices de refração diversos. Buscava-se com isso, através da comparação com os lí-

quidos, determinar os índices de refração dos minerais, propriedade fundamental para seu reconhecimento. A variação dos valores dos índices exigia grande quantidade de pequenos frascos, acomodados em caixas. Com o passar do tempo esses valores podiam variar, exigindo verificação constante, efetuada através de refratômetros, operação frequentemente executada pelo Professor Coutinho, que gostava muito da técnica, e naturalmente pelos seus auxiliares.

A identificação de minerais, principalmente dos raros, era um dos grandes interesses científicos do Professor, que para isso elaborou e mantinha atualizado vasto fichário, onde por muitos anos catalogou os novos minerais descobertos com suas características ópticas e cristalográficas, aumentando progressivamente seu impressionante acervo de conhecimento mineralógico.

Durante esse estágio iniciei a elaboração dos primeiros trabalhos sobre mineralogia dos solos executados durante minha estada no Instituto Agrônomo até 1964, quando me transferi para o Departamento de Mineralogia e Petrologia do Instituto de Geociências da USP. Nesse período, além das atividades futebolísticas, caracterizadas principalmente por partidas de futebol de salão, disputadas regularmente, em São Paulo ou em Campinas, entre times do Instituto Agrônomo e do Departamento; nas quais o Professor Coutinho jamais faltava, tive a oportunidade de iniciar trabalhos de pesquisa sobre rochas e minerais metamórficos em colaboração principalmente com colegas de turma, já docentes na Instituição. Tais pesquisas demandavam frequentemente a determinação de características químicas dos minerais, para a identificação dos vários tipos dentro dos grandes grupos. Essa identificação era feita através de análises químicas, que ora se iniciavam no Departamento, e que eram executadas por via úmida, exigindo a separação dos minerais, processo lento e nem sempre inteiramente livre de contaminações. Alternativamente, a caracterização da espécie mineral e a estimativa aproximada de sua composição química podiam ser ob-

tidas rapidamente através do uso conjugado de índices de refração e de outras propriedades ópticas, obtidas através do uso da Platina Universal, tais como o valor do ângulo entre os eixos ópticos nos minerais biaxiais, e que também servia para a caracterização de clivagens, partições e geminações. Tal técnica era, em nosso âmbito, só conhecida pelo Professor Coutinho. Creio ter sido um dos primeiros alunos dele a me familiarizar com ela, o que auxiliou muito em trabalhos subsequentes. E, nesse aspecto, creio valer a pena citar uma característica muito particular do Mestre. Não me recordo de algum compromisso envolvendo pesquisa que tenhamos marcado e ao qual ele tenha faltado, porém sua distração sobre outros assuntos de “somenos importância” era bem conhecida. Um dos episódios mais conhecidos que atestam essa característica, creio ter sido aquele no qual o Professor, alegando ter sido seu carro roubado durante sua estada na Alameda Glete, e se dispondo a registrar o fato na delegacia, foi lembrado não ter vindo com seu auto naquele dia.

Em 1966 resolvi iniciar a tese de doutoramento, cujo orientador foi o Professor Coutinho. A utilização de análises químicas que já se haviam tornado imprescindíveis em pesquisas mineralógicas e petrológicas de melhor nível, ainda eram, em nosso meio, de difícil obtenção, pois a metodologia empregada continuava a ser por via úmida, e reunir o número necessário de análises para uma pesquisa desse tipo normalmente demandava muito tempo. Além disso, poucos laboratórios químicos interessavam-se pelo assunto. Nesse trabalho, com a ajuda de colegas químicos, consegui número razoável de análises, porém a parte mais volumosa de dados fundamentou-se em estudos microscópicos. O tema da tese tratava de retrometamorfismo, assunto raro na literatura, e as discussões com o orientador foram de grande importância para a eferivação do trabalho.

A década de 1960, principalmente na sua segunda metade, e a de 1970 caracterizaram-se, no tocante à Geologia, por um amplo desenvolvimento em todos os campos, fruto de um lado pela disponibilidade

de profissionais egressos de várias universidades do País, e de outro pela boa fase econômica vigente. Um dos progressos efetuados foi a realização de mapeamentos geológicos em diversas regiões do País e, nesse aspecto, tive o prazer de participar da equipe encarregada do mapeamento geológico em uma das áreas mais importantes, sob o aspecto de geologia econômica, do Estado de São Paulo, ou seja, o Vale do Rio Ribeira de Iguape. A minha tarefa foi efetuar o estudo petrográfico, que abrangeu uma vasta variedade de tipos litológicos. O trabalho iniciou-se no final da década de 1960 e estendeu-se ao início da década de 1970. Nessa época, o Professor Coutinho estava preparando sua tese de cátedra, pois o Prof. Rui Ribeiro Franco havia se aposentado, mas mesmo assim, sempre que solicitado, prontificou-se a discutir e elucidar questões de ordem petrográfica sempre que lhe eram apresentadas.

Essa foi, e é até hoje uma das características mais marcantes de sua personalidade, que caracteriza sua bondade, generosidade e bom caráter. Sempre esteve pronto para ajudar a todos, alunos, pós-graduandos, colegas ou pesquisadores de outras instituições sobre os vários assuntos atinentes à sua especialidade, quer fossem problemas relacionados a minerais, gemas ou rochas, sem qualquer outra intenção, a não ser auxiliar e satisfazer sua notória curiosidade científica. Coautorias em trabalhos científicos gerados por essas parcerias sempre foram iniciativas unilaterais das pessoas que solicitavam a sua ajuda, e jamais condições tratadas ou impostas *a priori*, fato pouco comum no meio acadêmico.

Após sua aposentadoria no Instituto de Geociências - IGc da USP, o Professor Coutinho trabalhou no Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo - IPT, e mesmo nesse período continuou a manter profícuo contato com os pesquisadores do IGc. Para nossa satisfação, após se aposentar do IPT, voltou à Instituição de origem onde nos dá o prazer de sua companhia.

Fui, dentre os pesquisadores que o acompanharam durante sua longa e brilhante carreira, um dos que mais se beneficiaram dos seus

conhecimentos, face à estreita convivência durante anos importantes de minha formação profissional. Laços de amizade se estabeleceram desde então, e se solidificaram no decorrer dos tempos, resultando em agradabilíssimo convívio social em partidas de futebol, reuniões, viagens para congressos, e longas conversas na praia de Jukeí, a qual, durante alguns anos, frequentamos regularmente. Nessas oportunidades, tivemos minha mulher e eu, o prazer de usufruir também da companhia de Lila, a doce e gentil esposa do Professor Coutinho. Ter sido escolhido para saudá-lo por ocasião da cerimônia de outorga do título de Professor Emérito foi um prazer e uma honra, assim como continuar contando com sua companhia e amizade.

Meu Orientador

PROF. MARCOS AURÉLIO FARIAS DE OLIVEIRA

Conheci o Professor Coutinho quando era aluno da Geologia da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em 1964. Estávamos em intervalo de aula, aguardando uma prática de microscopia, quando uma pessoa, não muito alta, vestindo roupa simples, entrou na sala e começou a testar tomadas. Pensamos tratar-se de um funcionário eletricitista ou alguém do ramo, mas quando retomamos a aula vimos que essa pessoa era nada mais que o Professor Coutinho em toda sua simplicidade e modéstia.

A partir desta data passei a conviver com ele no então Departamento de Mineralogia, por ter-me tornado bolsista de iniciação científica do Prof. Celso de Barros Gomes. Sempre que precisei tirar dúvidas sobre determinação de minerais ao microscópio petrográfico pude

contar com sua colaboração, feita com o gosto que tinha pela prática ao microscópio.

Notável era seu fichário dos minerais que passaram por suas vistas. Feito a mão, podia-se contar centenas de minerais descritos com detalhe.

Quando me formei em 1966, o Professor Coutinho exercia a função de Chefe do Departamento e foi ele quem me convidou para assumir a função de docente, na vaga que se abria com a aposentadoria do Prof. Rui Ribeiro Franco.

Com isso, nossa convivência aumentou e eu o procurei para que ele viesse a ser meu orientador no doutorado, dentro do antigo sistema de doutorado direto, uma vez que não havia ainda cursos de pós-graduação regulares na USP. A partir daí foram quatro anos de discussões na área de metamorfismo, tema de minha tese. Essas discussões sempre foram muito proveitosas, principalmente na parte petrográfica. Também na redação, suas correções eram sempre oportunas, pois o Professor Coutinho é um excelente conhecedor da nossa língua portuguesa.

Uma passagem pitoresca dessa época ocorreu em uma viagem ao campo que fizemos pela via Anhanguera, à época com uma só pista. Nessa ocasião me lembro do Professor Coutinho dirigindo na contramão, com o braço esquerdo para fora da janela do carro, apontando para uma feição marcante de uma rocha do Grupo São Roque.

Mais recentemente, em 1984, outra passagem interessante aconteceu quando retornávamos do Rio de Janeiro, pela via Dutra, vindos do Congresso Brasileiro de Geologia que ocorrera naquela cidade. O Professor Coutinho dirigia seu veículo quando, em determinado trecho da rodovia, nos deparamos com um grupo da Polícia Rodoviária Federal e um policial solicitou que parássemos. O policial solicitou os documentos e com surpresa constatou que a carta de motorista do Professor Coutinho estava vencida. O Professor Coutinho desceu e, acompanhando o policial, dirigiu-se ao grupo da Polícia, cerca de cinco ou seis policiais. Depois de algum tempo de conversa, o Professor retornou e o poli-